

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**O beijo irrevogável de Portas**

Paulo Portas em representação de um órgão de soberania beijou a mão do patriarca de Lisboa, da mesma forma que se ajoelhou perante os interesses americanos



João Pedro Martins

A cimeira das Lajes catapultou Durão Barroso para a presidência da Comissão Europeia. Este beijo de Judas aos eleitores deixou Portugal sem o primeiro-ministro democraticamente eleito e manchou o nome do país que assim ficou associado a uma invasão ilegítima de um Estado soberano sob o pretexto da existência de armas de destruição maciça no Iraque.

Saddam Hussein foi capturado e enforcado, da mesma forma que se faz com porco selvagem durante uma caçada. O direito à vida e a um julgamento internacional podem ser negados por um tiro certo de um soldado norte-americano. Que o diga Bin Laden que nem o corpo lhe vimos o rasto.

Perseguir terroristas é um acto de patriotismo para os americanos. Colocar escutas e invadir a privacidade de milhões de cidadãos de todo o mundo é mera segurança nacional.

A Guerra que já foi fria, agora combate-se no ciberespaço. Julian Assange e as revelações do WikiLeaks são ameaças à segurança dos EUA. A recente entrevista de Edward Snowden, o ex-consultor da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, que revelou uma rede de espionagem global, onde milhões de pessoas são vítimas de intrusão abusiva nas contas de email pessoal, marcou uma nova etapa nas relações de subserviência do Estado português perante os superiores interesses de quem controla a economia mundial.

Ninguém imagina o ministro dos Negócios Estrangeiros a alegar “questões técnicas” para impedir o Air Force One, o avião presidencial de Barack Obama, de pousar no solo português.

Mas com Evo Morales, o verniz estala. O presidente da Colômbia foi obrigado a uma aterragem de emergência na Áustria, depois de os países lati-

nos lhe terem negado pisar território europeu. O argumento foi o mesmo para a invasão do Iraque – uma suposta mentira, desta vez com o pretexto da presença a bordo do espião e traidor Snowden.

Snowden é uma “questão técnica” perigosa para Portugal, mas os voos da CIA com prisioneiros de Guantánamo são um segredo de Estado.

O ministro Portas criou um incidente diplomático que suscitou protestos nas ruas de Las Palmas, onde bandeiras portuguesas foram rasgadas e queimadas por cidadãos colombianos.

Paulo Portas em representação de um órgão de soberania beijou a mão do patriarca de Lisboa, da mesma forma que se ajoelhou perante os interesses americanos.

Portas é um político tóxico e mercenário. Nunca o vimos impedir a aterragem das centenas de empresas-fantasma de várias multinacionais norte-americanas que durante três décadas se instalaram na zona franca da Madeira, com o único objectivo de não pagar impostos. Pepsi-Co, Dell, Chevron e o império da rede offshore de Mitt Rom-

ney, ex-candidato às presidenciais dos EUA, são alguns exemplos de gigantes da economia mundial que transformaram o território português num bordel tributário.

Num mundo cada vez mais opaco, é absolutamente vital que pessoas como Assange e Snowden continuem a apontar os holofotes da imprensa para as verdades ocultas. A democracia precisa que a verdade seja revelada e que o tráfico de influências seja desmascarado na praça pública, independentemente do nome e da origem daqueles que violam o direito internacional e as liberdades e garantias dos cidadãos de todo o mundo.

Os beijos irrevogáveis que Paulo Portas vai distribuindo entre feirantes, sacerdotes e chefes de Estado arriscam-se a ter um retorno de Judas nas próximas eleições.

Veremos de quem é o próximo beijo. *Escreve à sexta-feira*



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude



Portas é um político tóxico e mercenário

Miguel A. Lopes/Lusa

VISTO DE FORA

**MÁRIO
DIAS
RAMOS**

*Desonrar
a palavra*

Já lá vai o tempo em que o não cumprimento da palavra marcava, para sempre, todo aquele que faltava ao compromisso assumido.

Não ter palavra, faltar à palavra era um anátema do qual ninguém se livrava. E o compromisso assumido era uma honra para todo aquele que sabia sustentar a obrigação ou promessa, entre duas ou mais pessoas, de sujeitarem a um árbitro a decisão de um pleito existente entre eles.

Dizer sim, hoje, para amanhã dizer não, revela não apenas a ausência de carácter mas, sobretudo, uma falta de respeito por si próprio, um desprezo completo por um princípio inalienável que distingue o verdadeiro homem daquele para quem a honra mais não é do que palavra vã da qual se serve para defraldar uma verdade, um compromisso, um juramento, uma promessa.

O homem que hoje diz uma coisa e amanhã se desdiz, com o intuito de salvaguardar os seus direitos e interesses em detrimento dos direitos do outro, daquele que não apenas honra a sua palavra como sabe cumprir com os seus compromissos, esse homem não só conspurca a sociedade como desonra o princípio da dignidade humana que consiste na perenidade do cumprimento da palavra dada.

Os tempos são outros, é verdade, sendo que, dar o dito por não dito é hoje lugar-comum numa época em que os trafalhas comandam os destinos do homem. Num tempo em que os oportunistas se substituem, descaradamente, ao homem de uma só palavra. Homens sem palavra são homens indignos, são homens sem crédito.

Jornalista